

GÊNERO E SEXUALIDADE EM INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: ENTRELAÇANDO CONCEPÇÕES SOCIAIS DE JOVENS MENINAS

GENDER AND SEXUALITY IN PEDAGOGICAL INTERVENTION: INTERTWINING
SOCIAL CONCEPTIONS OF YOUNG GIRLS

GÉNERO Y SEXUALIDAD EN LA INTERVENCIÓN PEDAGÓGICA: CONCEPCIONES
SOCIALES ENTRELAZADAS DE LAS NIÑAS

Naiara de Oliveira Rosa¹

RESUMO: Este artigo é resultado da revisão do projeto de intervenção pedagógica de cunho educativo/colaborativo, realizado com um grupo de jovens meninas residentes de uma unidade de abrigo temporário nomeadamente – “Casa Lar”. Norteados por questões envolvendo sexualidade e relações de gênero, o trabalho desencadeou a perspectiva de coletar saberes e vivências junto ao público-alvo. Com o objetivo de analisar os efeitos de intervenções sociais, voltadas para a trajetória afetivo/sexual em uma análise cultural das narrativas juvenis. A intervenção efetivou-se através de palestras e uma sequência de atividades didáticas colaborativas relacionando e retratando gênero e sexualidade. Em meio a dialogicidade colaborativa das jovens, este projeto permitiu que as meninas tivessem diversas manifestações com relação à sexualidade, como construções discursivas históricas e culturais de maneira que efetivamente, criaram espaços de problematização para que pensassem em novas formas de compreender o seu corpo, bem como em vivências sociais nas relações de gênero e sexualidade.

4304

Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. Jovens Meninas. Intervenção social.

ABSTRACT: This article is the result of a review of a collaborative/educational pedagogical intervention project carried out with a group of young girls living in a temporary shelter unit, namely “Casa Lar”. Guided by issues involving sexuality and gender relations, the work triggered the prospect of collecting knowledge and experiences from the target audience. The aim was to analyze the effects of social interventions focused on the affective/sexual trajectory in a cultural analysis of youth narratives. The intervention was carried out through lectures and a sequence of collaborative teaching activities relating and portraying gender and sexuality. Amidst the collaborative dialogicity of the young women, this project allowed the girls to have diverse expressions in relation to sexuality, such as historical and cultural discursive constructions in a way that effectively created spaces for problematization so that they could think of new ways of understanding their bodies, as well as social experiences in gender and sexuality relations.

Keywords: Gender. Sexuality. Young Girls. Social Intervention.

¹Doutoranda do curso de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

RESUMEN: Este artículo es el resultado de la revisión del proyecto de intervención pedagógica educativa/colaborativa, realizado con un grupo de niñas que viven en una unidad de albergue temporal denominada – “Casa Lar”. Guiado por cuestiones relacionadas con la sexualidad y las relaciones de género, el trabajo desencadenó la perspectiva de recopilar conocimientos y experiencias del público objetivo. Con el objetivo de analizar los efectos de las intervenciones sociales, centradas en la trayectoria afectiva/sexual en un análisis cultural de narrativas juveniles. La intervención se desarrolló a través de conferencias y una secuencia de actividades docentes colaborativas que relacionan y retratan el género y la sexualidad. En medio del diálogo colaborativo de los jóvenes, este proyecto permitió que las niñas tuvieran diferentes manifestaciones respecto de la sexualidad, como construcciones discursivas históricas y culturales, de manera que efectivamente crearon espacios de problematización para que pudieran pensar en nuevas formas de entender su cuerpo, así como así como experiencias sociales en las relaciones de género y sexualidad.

Palabras clave: Género. Sexualidad. Chicas jóvenes. Intervención social.

INTRODUÇÃO

Neste estudo voltemos nosso olhar para o período da adolescência e juventude, espaço que configura uma etapa da vida pertinente de atenção, pois norteia a transição entre a infância e a idade adulta em que pode resultar ou não em problemas futuros para o desenvolvimento de um determinado indivíduo. Ademais está fase se caracteriza pelas transformações tanto físicas como psicológicas, possibilitando o surgimento de comportamentos irreverentes e desafiantes. 4305

Assim as reflexões acerca da sexualidade em um olhar direcionado há ações com a juventude, deve ter um significado na vida humana, bem como, exercer um papel na formação e na história do ser humano, não apenas como ser individual, mas também como ser coletivo. E, dessa forma, a abordagem da sexualidade é considerada como uma forma de engajamento pessoal dentro dos esforços coletivos pela transformação de padrões de relacionamento sexual e social.

A emergência da consciência de que a sexualidade está presente em todas as etapas da vida torna possível refletir sobre autoconfiança e autoestima, discutindo-a não mais apenas sob os aspectos biológicos, mas ampliando à saúde, ao afetivo e ao social. Entretanto, trata-se de temáticas frequentemente vinculadas a tabus e preconceitos, onde impera discursos de normatização hegemônica com pouquíssima abertura ao social, a diversidade na construção histórica e cultural que perpassam e circundam as temáticas.

Neste viés embora mudanças sociais e culturais tenham ocorrido nas últimas décadas no campo da sexualidade e das relações de gênero, o exercício sexual na adolescência e juventude ainda continua sendo tratado por muitos como uma atividade de risco, frequentemente

associado às Doenças Sexualmente Transmissíveis e a gravidez imprevista. E é evidente que gênero e sexualidade transcende o biológico e assim floresce e se restabelece no campo da construção na reconstrução do indivíduo em diferentes contextos sociais dos quais estão inseridos.

Neste contexto chamo atenção para uma unidade de abrigo que é constituída por jovens meninas que vivenciam diversas situações de vulnerabilidade. Assim, em virtude da minha missão de educadora na docência para o ensino de ciências biológicas, compreendo este espaço como uma instância envolvida na produção de identidades sexuais e de gênero, bem como, com a validação de determinadas formas de viver as masculinidades, feminilidades e as sexualidades os enfrentamos de fortes conflitos, perdas e estranhamentos ali vivenciados. Assim, torna-se importante focalizarmos os processos dessa unidade envolvidos com a naturalização das diferenças e desigualdades sociais, nesses domínios.

Portanto é importante que voltemos nosso olhar para pensar sobre a questão do “natural” em que Louro (1997) sugere que comecemos, enquanto educadoras/es, por desconfiar de tudo o que nos é dado como natural. Assim devemos refletir para todas as práticas cotidianas em que nos envolvemos e nas quais se envolvem os sujeitos que estamos trabalhando as questões de sexualidade.

4306

Percebe-se que o exercício da sexualidade, por exemplo, pode ser fonte de imenso prazer e expressão de sentimentos profundos, mas também pode ser fonte de graves transtornos na vida pessoal e social do indivíduo. Da mesma forma como o sexo pode ser um veículo de comunicação, de entrega de amor e prazer, pode também ser um instrumento de exploração, abuso e sofrimento.

Então geralmente é nesta fase da adolescência onde se iniciam os namoros e o “ficar”, que podem vir acompanhados da primeira relação sexual, ficando expostos a contraírem Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) ou ocorrer uma gravidez indesejada. Nesse sentido, este artigo aborda algumas dificuldades e enfrentamentos encontrados por jovens meninas residentes de uma unidade de abrigo, que vivenciam situações de vulnerabilidade.

A problemática que aqui se encontra está centrada no fato de que grande parte destas unidades de abrigo em especial a que está centrado este trabalho não tratam de maneira abrangente questões relativas à gênero e sexualidade, mesmo sendo visível pela peculiaridade de fatos que ocorre com as jovens que ali residem.

Destaco situações conflituosas do tipo (violência doméstica, gravidez precoce, dentre outras situações de vulnerabilidade e risco), e quando há projetos envolvendo a temática continua sendo somente sob o enfoque do risco, seguindo o padrão tradicional do referencial médico-higienista, e as práticas educativas que enfocam a promoção da saúde sexual e a prevenção de gravidez e de doenças.

Reconhece-se ser essencial que estas abordagens estejam implicadas no projeto educativo. Contudo Louro (2000) ressalta que o “impasse é que as abordagens pedagógicas que as sustentam continuam centradas sem levar em conta as condições e posicionamentos sociais, culturais e estruturais das práticas de gênero e de sexualidade”. Gênero e sexualidade são construções sociais e discursivas, fundadas em definições binárias de masculino e de feminino, são temáticas voltadas a conceber as identidades, as relações e os desejos da humanidade.

Em singular para o abrigo não há problematização das formas pelas quais as diferentes culturas representam as masculinidades e as feminilidades hegemônicas, o amor, desejo, prazer sexual, sentimentos, os enfrentamentos conflituosos dificilmente adentram as discussões no espaço.

Em determinados casos são caracterizadas pela ênfase no repasse da informação, na responsabilização individual, no uso do preservativo. Desta forma, se distanciam das singularidades simbólicas dos grupos sociais e não atuam na diminuição da vulnerabilidade social, de gênero, que alimentam as iniquidades sociais.

Contudo é necessário ressaltar em um ponto de vista otimista, também vêm emergindo, instâncias com projetos educativos, a intensão deste trabalho foi de proporcionar iniciativas orientadas pela concepção de construção participativa, conjugando atividades que estimulam a criatividade e a capacidade dessas jovens pensar em um viés abrangente no maior entendimento da sexualidade e as relações de gênero.

Assim é importante trabalhar com os efeitos nas condições materiais e existenciais nas percepções e práticas sociais com as jovens envolvidas no projeto educativo em compreender valores, atitudes e sentimentos como constroem seu modo de ser e seu posicionamento na sociedade.

Neste contexto, objetivou-se neste trabalho em meio as práticas pedagógicas realizadas, apresentar uma análise cultural das narrativas juvenis, por meio da dialogicidade didática colaborativa com jovens meninas residentes de uma unidade de abrigo localizada em Teixeira

de Freitas/BA, na qual deverá ser problematizado o conceito de sexualidade, relações de gênero, vulnerabilidade e saúde para discutir relações entre juventude e posicionamento social.

DADOS METODOLOGICOS DA PESQUISA: CASA LAR E SUAS PECULIARIDADES

A escolha pelo abrigo foi baseada em três fatores relevantes: por ter conhecimento prévio do local e como docente já ter desenvolvido outros trabalhos com o grupo, pelo perfil do público-alvo, e finalmente pela necessidade explicitada pelos coordenadores do abrigo em se desenvolver este tipo de projeto pedagógico.

O abrigo encontra-se localizado em Teixeira de Freitas – Bahia, é uma unidade de casa lar que abriga meninas adolescentes que vivem em situação de risco e vulnerabilidade, ali é tratado casos de abandono, gravidez precoce, violência doméstica, dentre outras situações vulneráveis.

As adolescentes² estão em faixa etária de 14 a 18 anos de idade em um total de 16 residentes e são trazidas após triagem do concelho tutelar e de profissionais de demais órgãos competentes. Bem como, em casos específicos por iniciativa da própria jovem que solicita ajuda, poderá ocorrer também por intervenção de algum familiar que busque engajar a jovem em algum projeto social desenvolvido na casa lar.

A casa se mantém por doação e uma renda mensal fornecida pelo município em detrimento da prefeitura. Neste espaço também ocorrem projetos em teor voluntariado voltados ao reforço escolar, nutricional, saúde bucal e cuidados higiênicos com o corpo em sua maioria com enfoque na saúde e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

O projeto pedagógico foi desenvolvido por meio de oficinas didáticas colaborativas, pelo fato de já conhecer o espaço era sabido que questões relativas à prevenção e cuidados higiênicos com o corpo já estavam sendo tratados por profissionais da saúde, enfermeiras que realizaram trabalhos voluntariados. Neste contexto o interesse foi problematizar as falas e expressões de gênero das participantes o que sentiam em meio aos relatos de suas histórias de vida e como vivenciavam a sexualidade.

²Saliento que para preservação do anonimato em acordos dialogados foi escolhido nomes fictícios, selecionados pelas próprias jovens participantes do projeto. Para as jovens/meninas e coordenação do abrigo, o projeto foi explicitado nas intencionalidades pedagógicas. E com a aceitação das participantes o projeto foi submetido e aprovado pelo comitê de ética em pesquisa e posterior a aprovação foi executado no abrigo.

Entendendo o diálogo como ferramenta básica no processo de educar para a sexualidade, como aborda Furlani (2005) a discussão da sexualidade fascina muitos e apavora outros, assim a estratégia didática como ferramenta pedagógica desta pesquisa se pauta em atividades dinamizadas.

Neste sentido Camargo e Ribeiro (2015) sinalizam que trabalhar com a sexualidade em instancias educativas só será eficaz se for realizada de tal forma que permita a participação constante do público-alvo, por meio de discussões que privilegiem o posicionamento de cada um, frente ao tema em debate. Ademais, deve-se valorizar o levantamento e discussão das dúvidas, das divergências e dos pontos em comum.

Diante do exposto, é necessário enfatizar que existem meios para se trabalhar com sexualidade e relação de gênero. Direcionando nossa atenção para o abrigo, ocorreu por intermédio de encontros em atividades dinamizadas tais como: “Jogos das aparências o conhecimento de si”, a fim de promover a aproximação, identificação e interação das participantes.

Desenvolvemos a atividade colaborativa “a caixa de dúvidas anônimas”, onde as participantes depositaram suas dúvidas e depoimentos sobre temas abordados durante os encontros, logo as questões foram respondidas e debatidas no último encontro, pois como propõe Figueiró (2014, p.15), as atividades direcionadas a temática sexualidade devem estimular a espontaneidade dos/as participantes e, antes de iniciá-la ou mesmo aprofundar um assunto, deve-se começar com as dúvidas que se têm, contextualizando-as com o conhecimento prévio adquirido.

Na dinâmica: “conhecimento do corpo, expressando sexualidade”, a intenção foi analisar os conhecimentos prévios que as adolescentes tinham sobre seu corpo, bem como suas expressões de sexualidade e posicionamento de gênero. Vitiello (1997) sugere que essa dinâmica proporcione a dessensibilização pela palavra, voltado ao contexto da expressão de sexualidade, consiste em oportunizar situações para que os educandos exponham às terminologias as linguagens e, em especial, os apelidos ligados aos órgãos sexuais. Segundo o autor, essa dinâmica fornece um espaço para que cada participante possa refletir e falar sobre os sentimentos que as palavras mobilizaram em acontecimento de suas vidas.

Neste contexto, é importante frisar que a intensão em realizar um projeto educativo envolvendo essas temáticas com este público-alvo específico é que, sobretudo, fosse voltada a plenitude que envolve abordar sexualidade e posicionamento de gênero.

A pretensão foi de proporcionar meios onde os anseios, curiosidade, conflitos, perdas, desejos, repressões, dor, alegrias, tabus, preconceitos não serão assuntos encobertos ou distorcidos por informações alheias. Com a inclusão dessas temáticas em abrigos, escolas dentre outros meios sociais, a discussão de questões polêmicas e delicadas, como namoro, prostituição, Doenças Sexualmente Transmissíveis, violência doméstica e sexual, dentro de uma perspectiva democrática e pluralista, em muito contribui para o bem-estar de adolescentes e dos jovens na vivência de sua sexualidade sem culpa, medo ou repressão em momentos atuais e futuros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sexualidade e posicionamento social: jovens meninas e as situações de vulnerabilidade

O conceito de vulnerabilidade voltada aos/as adolescentes remete-os em elevado teor a focalizarmos relação com a saúde. Desse modo podemos inferir a sexualidade com o perigo, a doença e a culpa. Logo pode-se entender que o silenciamento acerca da sexualidade que envolve sentimentos como emoção, prazer alegria poderia ser considerada como um elemento produtor de vulnerabilidade. Então é necessário investir mais em uma discussão que problematize esses enfoques, pois este conceito vem de forma muito veemente incorporado ao vocabulário de questões políticas em áreas da saúde e da educação de nossa época.

4310

Neste sentido no apontamento de jovens que vivem situações vulneráveis, Meyer (2010, p.232) ajuda a sistematizar essa consideração enfatizando que a “vulnerabilidade, implica o movimento de considerar a chance de exposição das pessoas ao adoecimento”. Além disso, a outros agravos sociais como a resultante de um conjunto de aspectos não apenas individuais, mas também coletivos e contextuais.

Ademais compreende-se que a vulnerabilidade está relacionada com a sua maior suscetibilidade a esses agravos sociais, então conseqüentemente com sua maior ou menor disponibilidade de recursos de proteção. Neste viés se apontarmos para o cenário da casa de acolhimento onde foi realizado o trabalho as meninas que ali residem vivenciam diferentes e fortes situações vulneráveis.

Assim é notório que processos de diferenciação social se materializam como desvantagens de diversos tipos e ajuda a compreender melhor porque e como determinados grupos e indivíduos se tornam, em determinado tempo e contexto, mais suscetíveis a determinados agravos e problemas do que outros. Como aqui representado na fala dessa

adolescente em faixa etária de 16 anos, ao ser dialogada a temática de proteção e se ela se sente segura na casa lar e quais situações de risco a trouxeram ao abrigo ela relata:

Aqui me sinto segura, mas não sei até quando, eu morava com minha mãe e mais cinco irmãos dois são mais velhos. Minha mãe e seu namorado são usuários de drogas e quando estão usando o namorado dela fica agressivo e caso eu volte pra casa vou passar a usar também e vou pegar doenças é condição sabe tia para morar com ela, e eu também tenho que cuidar da casa dos irmãos mais novos por eu ser mulher tem que ser assim, aqui me sinto segura porque eu posso estudar, tem gente que se preocupa e me ajuda a crescer”. (Cristina, 16 anos).

Ao refletir este contexto social ao qual está adolescente se encontra inserida, voltamos ao apontamento de Meyer (2007), quando aborda que articulados entre si, os três componentes constitutivos do quadro conceitual da vulnerabilidade consideram que as pessoas não são, em si, vulneráveis, mas podem estar vulneráveis a alguns agravos e não a outros, sob determinadas condições, em diferentes momentos de suas vidas. Neste sentido é impreterível analisarmos de forma mais pertinente até que ponto nossos conhecimentos, e os programas de educação contribuem drasticamente para produzir, aumentar ou manter a vulnerabilidade.

Quando remetemos nossa atenção a fatores cotidianos tidos como naturais e a norma a ser seguida veremos o quanto questões de gênero e sexualidade estão implicadas nestes fatores ao enfatizarmos, por exemplo, que meninos/homens devem assumir papel de macho provedor, agressivo e que age sexualmente dentre outras situações com a razão e o impulso gerenciando o que de fato pode ser dito e feito em casa e em outros espaços sociais e que assim consequentemente meninas/mulheres devem voltar seu olhar a submissão, a satisfação do prazer, a falta de autonomia sendo sensível, passiva, comungando de uma docilidade extrema.

A escola, as casas de acolhimento, a religião e os meios sociais de uma maneira geral acabam comungando confirmando esse padrão normatizado de comportamento. E assim por sequência produzindo comportamentos que seguem instituindo diferenças e desigualdades de gênero, transtorno sexual e moral.

A violência de gênero estaria impregnada na cultura social, e, portanto, para que seja possível superá-la e alcançar uma maior igualdade de gênero são necessárias práticas educativas capazes de modificar ideologias que se encontram cristalizadas na cultura. “Neste sentido, compreendemos que o gênero e a sexualidade são produzidos culturalmente, entendemos que os discursos impressos sobre eles não são uma condição determinada pelo sexo, tampouco fixos” (BUTLER, 2017; CASTRO, 2019).

Assim segue, sobre a inibição do real sentido de viver a sexualidade, os nossos prazeres e, sobretudo, as formas de nos relacionarmos com o cuidado e a promoção da saúde, reduzindo

ou aprofundando situações de vulnerabilidade. Este fato acima citado fica bastante explícito na fala da jovem Vanessa com 15 anos de idade, ao ser indagada por intermédio da dinâmica “conhecimento de si” quais os tipos de violência foram sofridos por ela para que venha a residir na casa lar, ela diz:

Eu morava com meus pais e três irmãos, onde meu pai era alcoólatra e batia na gente em casa, era um “cão” só quando bebia. Eu confesso que saía muito pra festas e assim participava de “orgias” acabei contraindo uma doença “venera”, não engravidei por pouco e meu último namorado era como meu pai agressivo em meu corpo da pra ver às marcas deixadas por eles, é por isso que eu tô aqui”. (Vanessa 15 anos).

Neste contexto observando o discurso dessa jovem/menina é importante pensar nas relações sociais, que estão consistentemente embutidas nas particularidades de cada casa com sua própria realidade e que não foge do fato de haver uma inserção social, assim conseqüentemente é parte de um processo que liga, em relações de poder, professores e alunos, igreja e fiéis, pais e filhos, relações amorosas, projetos sociais e adolescentes.

Deste modo, podemos refletir com as inquietudes que Foucault, (2017), nos apresenta e nos leva a pensar em quais são as relações de poder mais imediatas que estão em jogo? Como tornam possíveis essas espécies de discursos e, inversamente, como esses discursos lhes servem de suporte?

Ainda analisamos de que maneira o jogo dessas relações de poder vem a ser modificado por seu próprio exercício – reforço de certos termos, enfraquecimento de outros, efeitos de resistência, contra investimentos, de tal modo que não houve um tipo de sujeição estável dado uma vez por todas. No discurso sistematizado sobre a sexualidade e relação de gênero, também vai se formando lugares e espaços, provenientes em suas particularidades de vivências e emoções, espaços habitáveis para proporcionar que cada um, vá construindo em seus corpos sua identidade.

Contudo é interessante pensar que o corpo, indagado, reprimido, maltratado, interiorizado com culpas e exploração exposto e vulnerável a possível controle, passa a ser considerada também moradia da sexualidade e das relações de gênero em um sentido invertido da sua plenitude. Por exemplo, o controle de natalidade, doenças, prazeres, desejos, agressão física em uma relação de saber/poder capaz de modificar hábitos, rotinas.

O autor Gallo (2002, p. 173) nos fala de “espaços a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzindo um presente e um futuro”. Portanto é dessa maneira que compreendo os trabalhos desenvolvidos no âmbito do projeto pedagógico, como uma aposta propositiva, que, ao desenvolver as discussões de gênero e sexualidade,

vislumbra outro presente possível e busca promover um futuro de equidade de gênero e de liberdade para as diferentes expressões da sexualidade.

Jovens meninas e as diversas relações de identidade, gênero e sexualidade

As relações de gênero e sexualidade é algo visível em todos os meios sociais, e no abrigo essa relação se estabelece de forma muitas vezes espontânea por meio de gestos, palavras, falas corriqueiras, e acontecimentos que marcaram e marcam a vida das meninas. Neste viés, sistematizo que essa relação em determinados depoimentos foi selecionada para que se consiga novamente voltar nosso olhar à expressão de sexualidade e relação de gênero em fatos corriqueiros da vida inserida em contexto histórico, social e cultural.

Por meio da dinâmica “cuidado de si”, embasado na concepção de Foucault (2015, p.59) onde aborda a prática da sexualidade com o cuidado de si, ou melhor, o cultivo de si que envolve não só pura e unicamente o cuidado com o corpo, mas o espírito, cultura. É que foi proposto juntamente com as meninas à importância do cultivo de si, o cuidado com suas relações pessoais interiorizando o que sentem e buscando entender seus anseios, estranhamentos, não com o teor de invasão, mas de cuidado, carinho e estímulo a pensar mais em si, entendendo e vivenciando de forma mais saudável e leve sua sexualidade.

4313

Quando morava com minha família não tinha muito como cuidar de mim eu ficava mais na rua, porque o namorado da minha mãe era muito violento e mandava muito lá em casa, mas com isso eu estava ficando cada dia mais “burra”, sem noção, foi assim que peguei DST, é bom você andar cheirosinha arrumada e essa doença deixa mau cheiro na gente, hoje em dia nos namoros não tem essa só de beijo tem que ter sexo, às vezes tem que fazer tudo que o cara quer senão eles não tem interesse não, eu vivia e fazia muito isso, se ficasse sem fazer o que o namorado queria largava mesmo, ai já era celular, roupa cara, festas. Mas agora morando no abrigo e participando dos projetos como este agora, eu cuido mais de mim, porque estudo, me protejo de doença dou espaço para decidir o que eu quero e quem eu sou”. (Emilia 17 anos).

Quando relacionamos a fala de Emilia em construções e relações no campo social e histórico, iremos voltar nosso olhar a perceber o que as feministas explicitam sobre as relações de gênero onde não são as características sexuais que marcam as diferenças entre homens e mulheres, mas os modos como são formuladas, apresentadas, representadas, valorizadas e incorporadas. São as configurações discursivas de cada sociedade e que cada um interioriza em suas práticas cotidianas.

Isso fica claro na citação de Foucault (2017), o poder não é de domínio de uma pessoa, ele está na relação e ele é produtivo e não negativo. Nesse sentido, a fala acima citada, pode nos levar a indagar sobre o espaço ocupado das sexualidades e das relações de gênero em nossas

constituições de sujeitos, e conseqüentemente como isso produz gestos, linguagem, atitudes e decisões em cada tempo histórico que vivemos e assim vão definindo as relações de sexualidade e de gênero nas diferenças existenciais entre eles.

Assim Foucault (2017a, p. 97) argumenta que “[...] a sexualidade é relacional, e que não é possível dissociar as relações sexuais das relações sociais”, podemos estender esse entendimento para enfatizar o caráter relacional do gênero, pois essa noção implica em problematizar discursos e processos culturais que educam meninos/homens e meninas/mulheres de acordo com determinado padrão hegemônico alicerçado em relações de poder que nutrem desigualdades de gênero.

Na dinâmica “conhecimento do corpo expressando sexualidade” foi proposto que as meninas voltassem seu olhar aos sentimentos conflituosos, emoções, prazeres e a sua relação com a sexualidade. Neste viés é interessante ressaltar que boa parte das participantes resumia a sexualidade ao sexo puramente biológico, algumas até sistematizavam com dor, constrangimento e doença. As demais ao prazer, satisfação, ao ato da penetração em si.

Assim foi de suma importância explicitar um entendimento do que vem a ser sexualidade, então foi interessante trazer à tona a concepção de Louro (2000, p.6) que ressalva, “podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais”.

4314

Eu acho que sexualidade é fazer sexo e sem cuidado pegar doença, para o homem é sempre mais fácil o “negócio deles é pra fora”, o nosso não. Mas você explicando que sexualidade tem a ver com tudo isso, eu to pensando que muitas coisas e muitas atitudes que agente tem na vida somos nós quem construímos, quando eu vivia a toa na vida foi uma fase, eu aqui me cuidando e entendo que a sexualidade também envolve emoção, prazer, e cuidado, é outra fase que estou construindo pra minha vida”. (Ana 17 anos).

Retomando a concepção de Foucault (2017) onde enfatiza a sexualidade como “dispositivo histórico”. Podemos entender isso de forma precisa na fala de Ana, onde ressalta suas fases vivenciadas até agora. Entendendo a sexualidade em diversos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem “verdades”. É onde relacionamos que trabalhar a sexualidade em sua completude é, sobretudo ressaltar o dispositivo que sugere a direção e a abrangência de nosso olhar.

Essas coisas de gênero e sexualidade é o que nois tem que parar para ouvir mais, é importante saber que somos quem construímos isso interfere no nosso posicionamento social, acho que tem haver com nossas atitudes, na forma de enxergar e agir em situação da vida. Quando você der espaço pra sua emoção, entender seus medos, conflitos, sentimentos, você começa a se conhecer mais e passa a saber o que você quer e quem você é. É possível que você vá muito longe, é como se agora fosse você quem estivesse dando as cartas no jogo”. (Renata, 18 anos).

Neste viés, adotando e relacionando a fala de Renata é viável como já ressaltado nos interrogar a respeito da posição de gênero e sexualidade nas nossas constituições de sujeitos, e como esse posicionamento vai produzindo, pensamentos, atitudes, gestos ocasionando uma série de sentimentos nas pessoas.

Trabalhar em um projeto educativo sistematizando relações de gênero e sexualidade é trazer para discussão os processos de construção de conhecimento e de verdades. Isso significa questionar o estabelecimento de relações de poder que se estabelece em atividades cotidianas, rotineiras dentro e fora da casa lar, seus lugares e não lugares e que precisam ser postos em questão.

Talvez essa recusa em um maior esclarecimento dessas temáticas viabilize meios para que essas meninas permaneçam na ênfase da submissão, da culpa, dos estranhamentos e conflitos, na gravidez indesejada, em ter contraído uma Doença Sexualmente Transmissível, em usufruir seus corpos como troca em manter uma relação com devolução de presentes, festas.

As perguntas e depoimentos em conjunto com os estranhamentos que mais foram pertinentes da caixa de dúvidas anônimas, por exemplo, diziam respeito à culpa por ter contraído DST, por ter engravidado, pelo término do namoro, cuidados higiênicos. E, sobretudo as jovens foram precisas em solicitar dicas de como viver plenamente à sexualidade, como poderia relacionar a sexualidade e posicionamento de gênero em suas vidas, como contido na fala de Sofia com 17 anos de idade.

4315

Ainda na gravidez eu comecei a participar dos projetos na casa lar, mas por causa do bebê não posso morar aqui, mas participo de todos os projetos, ao contrair DST, e com a gravidez parece que minha juventude foi roubada, me sinto mal por ter envergonhada minha mãe. O pai do bebê nem sonha em vir na minha casa ver o menino, ainda assim tenho o contato dele aí fico tentando manter contato com ele. Eu quero saber como a relação de sexualidade e o gênero podem ajudar há aumentar minha autoestima, para eu tentar quem sabe ser alegre novamente né” (Sofia 17 anos).

Neste contexto podemos relacionar ao que Osório (1992, p.24) observa sobre a juventude onde ressalva ser a fase em que surgem as maiores dúvidas sobre a sexualidade, já que se trata de uma etapa da vida na qual a personalidade está em constante formação e a sexualidade e a relação de gênero está inserida nesse processo, sobretudo, como um elemento estruturador da identidade desse/a jovem.

Além disso, Waideman (2003, p.55) acrescenta que o/a jovem tem o direito de compreender que a sexualidade e o posicionamento de gênero não se confinam à reprodução, a doença, mas afeta também o prazer, o diálogo e o afeto. Como já ressaltado é uma maneira de você se entender e definir quem você é construindo e assumindo sua identidade.

Seguindo este viés na medida em que foram abordadas questões de gênero e sexualidade com as jovens/meninas da casa lar foi interiorizando essas questões em suas relações diárias, e ao decorrer da realização do projeto bem como, a posterior visita ao abrigo, foi possível perceber que a relação que as meninas começaram a adquirir e seu entendimento no posicionamento de gênero e da sexualidade voltaram-se de maneira saudável, construída na diversidade que as constituí.

Entendendo nosso papel e posicionamento social de maneira crítica, mais leve amenizando a culpa, a submissão. É importante ressaltar que sentimentos como os estranhamentos, conflitos, as dúvidas ainda permanecem com essas jovens, pois são estas questões inerentes à vida do ser humano não há como desvincular, e são necessárias para o amadurecimento pessoal.

Dessa forma Oliveira e Morgado (2010, p.8) destacam que para os/as jovens a sexualidade se entrelaça tanto com a afetividade quanto com a sociabilidade e as relações sociais de distintas ordens. Logo, é nesta fase que a experimentação da sexualidade e do posicionamento de gênero vai possibilitar uma estruturação de sua identidade.

Portanto, têm-se motivos coerentes a favor da inclusão destas temáticas em projetos sociais e escolares, tendo em vista que alicerçará a construção social dos indivíduos, de forma a entender as práticas e os desejos que também são construídos culturalmente. Mais do que isto, possibilitará as jovens entender de forma crítica certos valores transmitidos na escola, na família, mídia na sociedade em geral. Saliento que as referidas temáticas foram abordadas de maneira didática, dialógica, colaborativa e com inteira escuta ativa. E foram esses elementos essenciais para a construção socioeducativa de gênero e sexualidade entrelaçado nas concepções das jovens meninas participantes deste estudo.

4316

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente aos atuais desafios no que toca as questões educacionais envolvendo sexualidade, gênero e vulnerabilidades, não deveria mais haver lugar para adotarmos padrões normatizados, prontos e acabados, até mesmo inquestionáveis nos processos educativos.

Por outro lado, é imprescindível que haja maior investimento seja por meio de projetos sociais ou em proposta pedagógica engajada em escolas, mas que, sobretudo viabilizasse uma maior problematização em desnaturalizar certas verdades e crenças, tabus em especial retomando a casa lar é preciso problematizar a ênfase do repasse da informação, e por outro

meio de intervenção possibilitar pensar e viver, de forma valorizada, diferentes configurações e arranjos sociais.

Na proporção em que nos envolvemos com essas questões em meio a diálogos e problematizações isso poderá significar a construção de meios para aprofundar a investigação de questões sociais e culturais mais amplas, dando lugar à curiosidade, à investigação e à dúvida dos/as jovens como indivíduos participativos. Além disso, este trabalho foi importante por deixar claro que à medida em que levamos em consideração a diversidade e a dinâmica dos significados sociais em meio às vulnerabilidades ali existentes, contribuímos para diminuição ou amenização da culpa, submissão e desalento que tanto atormenta em muitas instâncias a vida das jovens participantes do projeto.

Assim saliento que se enfatizarmos abordagens educativas repassando informações engessadas, viabilizaremos uma noção de culpa, tabu, submissão do indivíduo pelo seu problema, e assim automaticamente simplificando e reduzindo a complexidade que envolve os processos de vulnerabilização dos/as jovens. Portanto, tendo em vista as necessidades das jovens residentes da casa lar, é visível o quanto é imprescindível proporcionar táticas educativas de controle, cuidados, prevenção da saúde e o mais importante na desnaturalização de certos comportamentos sexuais e de gênero configurados como hegemônicos submissos e estratificados.

4317

É importante que ao desenvolver um projeto desta dimensão possamos nos interrogar enquanto educadores ou apenas leigos interessados no assunto se estamos de fato aprofundando os pressentidos e significados dos saberes e vivências dos sujeitos engajados no contexto social e se estamos buscando estabelecer formas de interlocução e de diálogo. E ainda precisamos nos perguntar a dimensão dessa diversidade de significados e se de fato buscamos essa aproximação em meio a discursos técnicos aos saberes e vivências daquele grupo específico.

Portanto, cabe aqui destacar que atuar em processos educativos de sexualidade e posicionamento de gênero com o grupo de meninas da casa lar foi se permitir confrontar/articular com a diferença, o multifacetado, a diversidade. Buscando compreender essas contradições de sentimentos na tentativa de (re) formulação e (re) criação de táticas didáticas em cunho pedagógico no sentido de pluralizar os meios de enfrentamento das questões que envolvem o processo educativo da relação entre gênero, sexualidade, corpo e prazer.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. 288p.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli & RIBEIRO, Cláudia. Sexualidade(s) e Infância(s): a sexualidade como um tema transversal. Editora moderna, São Paulo, v.15. n. 5, 2015

CASTRO, Roney Polato de. Experiência e constituição de sujeitos docentes: relações de gênero, sexualidade e formação em Pedagogia. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Juiz de Fora, 2019. 256p.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível. Eduel, São Paul, v 2, 2014.

FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do saber. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade II. A vontade de saber. 4. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FURLANI, Jimena. Sexos, sexualidades e gêneros: monstruosidades no Currículo da Educação Sexual. Texto apresentado na 28^a. Reunião Anual da ANPED – Associação Nacional de Pósgraduação e Pesquisa em Educação no GT 23 – Gênero, sexualidade e educação, 2005. Disponível em <www.ded.ufla.br-gt23>. Acesso em: 05 julho. 2020.

4318

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). O corpo educado. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann.; KLEIN, Carin.; ANDRADE, Sandra dos Santos. Sexualidade, prazeres e vulnerabilidade: implicações educativas. Educação em Revista. Belo Horizonte. n. 46. p. 219-239. dez. 2007.

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. *Gênero e educação: teoria e política*. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). Corpo gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2010.

OLIVEIRA, Meire Rose dos Anjos.; MORGADO, Maria Aparecida. Jovens, Sexualidade e Educação: homossexualidade no espaço escolar. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 44, n. 1, p. 15-25, out. 2010.

GALLO, Silvio. Em torno de uma educação menor. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 27, n. 2, jul./dez., p. 169-178, 2002.

OSÓRIO, L. C. Adolescente hoje. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

VITIELLO, Nelson. *Sexualidade: quem educa o educador. Um manual para jovens, pais e educadores*. São Paulo: Iglu, 1997.

WAIDEMAN, M. C. *Adolescência-Sexualidade-Aids: Na família e no espaço escolar contemporâneo*. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.